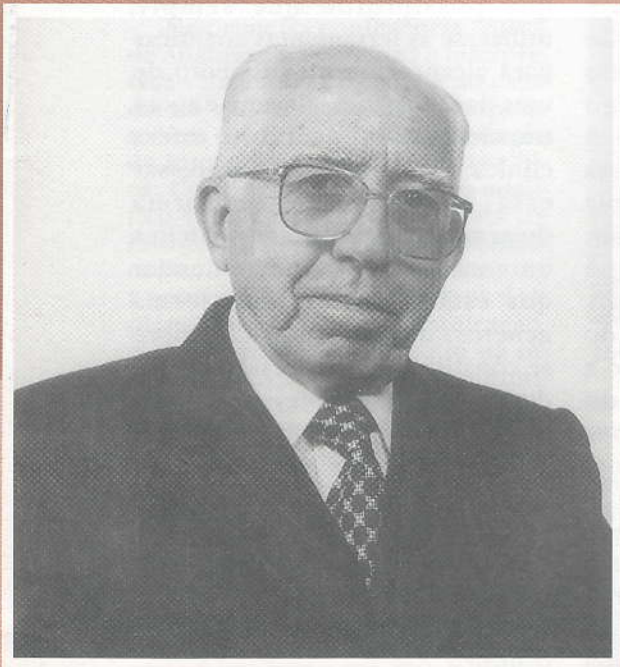


# Jornal da SPPA

Órgão Oficial da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre  
Filiada à International Psychoanalytical Association desde 1963

ANO 5 • Nº 14 • ABRIL/2001 • Porto Alegre • RS



## Memória resgatada Paulo Martins Machado

...“A pré-história da minha história como psicanalista. Eu digo que sou anterior a SPPA, fora, antes, no tempo em que ela era quase uma presunção, uma hipótese no horizonte”, expressou Paulo Martins Machado.

▶ Páginas 8, 9 e 10

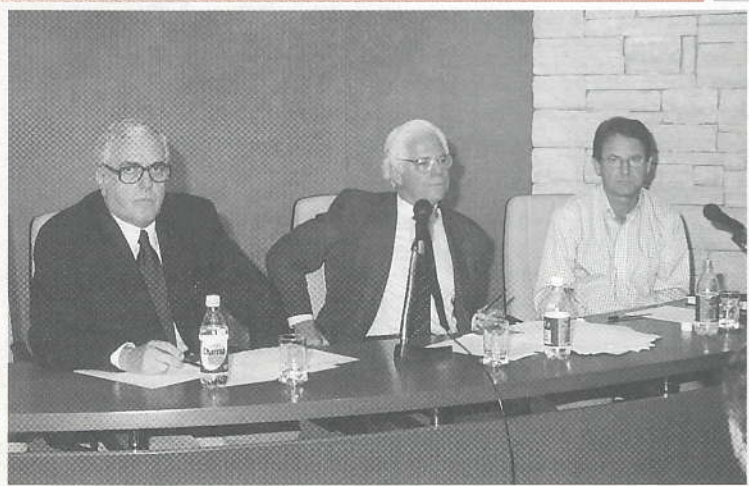
## SPPA inaugura Sala José Maria Santiago Wagner

▶ Página 2



## Entrevista com Rômulo Lander

▶ Páginas 12 e 13



## Sérgio Paulo Rouanet fala sobre “As duas culturas da psicanálise”

▶ Páginas 3 e 4

## A regulamentação da profissão de psicanalista

▶ Página 4

## Editorial

**N**a condição de presidente da SPPA, em janeiro deste ano, coube-me dizer as palavras de despedida ao colega e amigo Paulo Martins Machado, por ocasião do seu sepultamento. Mas, exatamente por esta característica de tratar-se de um querido amigo, é que tal despedida tornou-se para mim tão dolorosa e de tão difícil formulação.

Passados alguns meses, segue viva a lembrança e persiste a emoção, bem como a perplexidade daqueles momentos tão rápidos entre a notícia da doença e o impacto de seu desenlace.

Muito foi dito sobre o Paulo e muito existe a se dizer de seus méritos. Mas agora, mais como um registro, sublinho aqui a perda irreparável para todos e a falta e a saudade que nos fica de um valoroso e digno colega de trabalho, de um eficiente e entusiasta profissional da psicanálise e de um amigo, por todos os títulos, singular.

Mas a condição de presidente também possibilita momentos de evidente satisfação. E passo a referir-me a um deles, quando da inauguração da Sala José Maria Santiago Wagner, transcrevendo as palavras que utilizei nesta ocasião, em oito de março de 2001:

Estamos hoje aqui inaugurando uma sala de leitura, anexa à Biblioteca Roberto Pinto Ribeiro, uma sala há muito precisada, onde a Sociedade possa receber visitantes ilustres. Igualmente, aqui estamos inaugurando uma sala para reuniões da direção do Instituto com suas subcomissões. Todas essas destinações vêm ao encontro de necessidades funcionais mas, mais do que isso, criam ou recriam modos de habitar um espaço, oferecendo à comunidade ambientes condignos para o exercício de nossas atividades enquanto sociedade.

Estamos também, hoje, completando formalmente as homenagens aos pioneiros,

fundadores da nossa casa. Homenagens essas que realizamos com a intenção de pontuá-los como marcas na trajetória de nossa sociedade, ao mesmo tempo em que os apontamos como modelos de formação para os futuros analistas.

E aí reside o real motivo da satisfação a que me referi de início: o de estarmos inaugurando a "Sala José Maria Santiago Wagner". Penso que a todos é perceptível o que representa essa homenagem, em função da dupla circunstância de, por um lado, estar eu, no momento, na condição de presidente da SPPA, tendo sido um ex-analisando do Wagner; e por outro, sentir a alegria de ele estar podendo compartilhar conosco dessa singela homenagem, junto com sua querida esposa D. Clotilde.

Aqui estamos para afirmar que esta é uma homenagem devida e decorrente dos valores inequívocos que são próprios do homenageado, pois é reconhecida por todos a sua marcante influência no entendimento da psicanálise e de como ela tem sido exercida em nosso meio.

Em nossa sociedade ele foi professor ou supervisor da maior parte dos atuais didatas e membros da Comissão de Ensino. Em termos de atividades societárias, por três gestões consecutivas foi secretário (de 1965 a 1971). Foi diretor do Instituto de 1971 a 1973 e presidente da sociedade de 1973 a 1975. E, por três gestões, foi conselheiro (de 1975 a 1977 e de 1981 a 1985).

Muito se pode dizer a respeito do Wagner. Transparentes e nítidas são suas características e suas virtudes. Sua postura discreta, sua simplicidade, a firmeza de seus princípios éticos. Muito se pode falar de sua viva inteligência, de sua acuidade analítica e de sua sólida cultura. Mas penso que aquilo que mais o caracteriza (e emprego uma palavra que não sei se é a mais

apropriada para descrever esse aspecto) é o que chamo sua "seriedade". A seriedade com que sempre se pautou no exercício da profissão de psicanalista. Uma seriedade não preocupada com melindres críticos ou considerações de teor moralista, o que possibilitou que sempre utilizasse as ferramentas analíticas para alcançar o entendimento de uma dada situação, do aqui e agora transferencial, quando na esfera clínica, e que pudesse expressar essa compreensão de forma destemida e franca, sem enfeites ou concessões. Até por entender que esta sempre foi sua forma generosa de agir. E que tal sempre se constituiu em expressão efetiva de seu genuíno interesse humano, atento e respeitoso. Pois, ao assim agir, sempre estabeleceu a verdade e a franqueza como valores, como moedas circulantes confiáveis, como seivas tonificantes e como recursos válidos de suporte e capacitação para o presente e para o futuro.

Espero ter sintetizado o que penso ser o essencial. E estou convicto de que, nesse momento, sou porta-voz de todos os membros da Sociedade quando reitero a ele o nosso respeito, o nosso carinho e o nosso agradecimento.

Declaro inaugurada essa nova sala que passa, oficialmente, a partir de agora, a ser denominada Sala José Maria Santiago Wagner.

Sabendo que, a partir de agora, o nome do seu patrono passa a enobrecer o espaço que o homenageia.

**Paulo Fonseca**  
Presidente

P.S: Na tarde do dia seguinte, em 09 de março, eu, minha esposa e Amanda (viúva de Paulo Machado) tivemos a gratificação e o privilégio de receber o casal Wagner na SPPA, visitando o espaço a ele dedicado. O que ficou documentado em fotos, como a que ilustra a capa deste nosso Jornal.

## Agenda científica

### Virginia Ungar

**N**a atividade que inaugurou o calendário científico da SPPA, dias 15 e 16 de março, a Dra. Virginia Ungar, psicanalista didata da APdeBA, realizou duas conferências, uma supervisão coletiva e supervisões em pequenos grupos.

Na primeira conferência "Atitude Analítica: transmissão e interpretação", a autora se propõe ao estudo do que denomina o "enquanto" ou o "durante" da formulação da interpretação na sessão analítica. Considera que o diálogo analítico se dá em dois planos: o da comunicação e o da metacomunicação. Sua intenção é estabelecer a natureza da relação entre os dois planos. No nível da comunicação, o importante é o conteúdo da interpretação; no da metacomunicação, é o modo de formulá-la. Assim se metacomunica atitude analítica definida como, essencialmente, receptividade, disposição à observação, tolerância tanto ao mistério como ao desconhecimento e tendência a refletir antes de agir. Deteve-se, por fim, na capacidade do analista de ser disponível para que a transferência se desenvolva. Chama a atenção, no entanto, para o risco de mal-entendidos com esse conceito já que estar disponível "não é estar à disposição do paciente, é estar à disposição de receber a transferência para permitir



*Drs. Paulo Fonseca, Virginia Ungar e Gerson Isac Berlim*

o desenvolvimento do processo analítico".

Na segunda conferência - "Sobre a imaginação" - a autora dedica-se, após uma rica revisão da literatura psicanalítica sobre o tema, a estabelecer a diferenciação entre o conceito de imaginação e fantasia em psicanálise. Propõe que "fantasia e imaginação possam ser consideradas como dois modos de funcionar de uma mesma capacidade: a de fazer aparecer coisas. Uma, a fantasia, estaria hegemônica por uma aspiração de saber ante a impossibilidade de tolerar o desco-

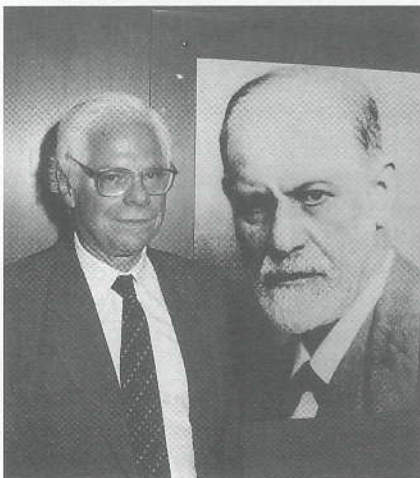
nhcimento, a outra, a imaginação, estaria mais orientada em relação ao funcionamento estético, à idéia de que é impossível saber". Assim, representam diferentes funcionamentos em relação ao contato com o mistério do objeto: a fantasia, um saber ilusório, a imaginação, um jogo criativo.

Nas atividades de supervisão, a dra. Virginia demonstrou, na clínica, sua "disponibilidade" para albergar e compreender com "imaginação" o material clínico apresentado pelos colegas.

### Sérgio Paulo Rouanet

**E**steve em visita à SPPA, no dia 2 de abril, o Embaixador e PhD em Ciências Políticas Sérgio Paulo Rouanet. Sua conferência causou impacto tanto por seu conteúdo quanto por sua forma. O conferencista expressou-se com clareza e simplicidade através de argumentos consistentes e coerentes sobre "As duas culturas da psicanálise", ou seja, a cultura ocidental e a judaica. Sua idéia central é de que a psicanálise surgiu a partir da relação tensa entre essas duas culturas dentro de Freud. Alerta para três erros a serem evitados, a saber: exagerar o valor da cultura judaica, exagerar o da cultura ocidental e, por fim, admitir a dualidade, porém, banalizando-a, ao tomá-la meramente como complementar. É na dialética negativa, sem síntese possível, avessa a qualquer reconciliação que deve ser buscado o entendimento do pensamento psicanalítico.

Cita, então, três características fundamentais que manteriam essas duas culturas em tensão permanente: primeiro, o objeto de observação; em segundo lugar, o método de aproximação de estudo do objeto; por fim, o estabelecimento de fronteiras no estudo.



Deste modo, no judaísmo, teríamos como objeto de estudo o não perceptível, consequência da proibição mosaica de adorar ícones, estimulando a capacidade de abstração, pressionando o intelecto em direção a busca de uma realidade invisível, enquanto, na cultura ocidental, o objeto de estudo estaria na preponderância do pensamento representável, vulnerável aos ídolos, porém trazendo dentro de si um sólido empirismo, anti-especulativo, que o impede de cair no abismo da mera espiritualidade.

No judaísmo, o método de aproximação - segundo a interpretação talmúdica - sujeita a versões infinitas das passagens bíblicas - seria semelhante ao da interpretação psicanalítica. Embora esta vise uma mudança no paciente, ambas seguem, no entanto, o princípio da incompletude. Este método se contraporia na cultura ocidental à ên-

fase na observação da relação com a natureza, não ficando limitado e preso ao livro, à intelectualidade, mas voltado para a natureza materialista e determinista.

A terceira característica consiste no que Rouanet chama de estrangeirismo inerente ao ser judeu - errante, ao mesmo tempo dentro e fora, na diáspora - vivendo a experiência histórica do descentramento e da exclusão em oposição ao sedentarismo da cultura ocidental, que estava vivendo a fixação dos estados nacionais, das fronteiras políticas, filosóficas e epistemológicas.

Rouanet pensa que a psicanálise

incorpora mas nega as duas culturas. Que ela vive como resultado de duas denegações cruzadas e de uma dupla desidentificação. Sendo assim, é uma ciência como quer o iluminismo europeu, mas uma ciência problemática que tem como seu objeto algo que não se conhece - o inconsciente. Consiste numa ciência da observação, mas está impossibilitada de satisfazer seus cânones. É, também, uma ciência hermenêutica, mas induz à transformação do sujeito.

É revitalizante ouvir um pensador tão conceituado e não psicanalista ocupar-se de tema atual e central como este que trata da in-

serção da psicanálise no mundo das ciências. Concluindo, citaremos o dr. Rouanet que propõe: "A psicanálise é a ciência do interstício; não está em casa nem no corpo, nem na mente; nem na natureza, nem na cultura; nem na teoria, nem na prática; nem na normalidade, nem na patologia". Seu paradigma é, portanto, o da dualidade, modelo presente na cultura pós-moderna e também na cultura brasileira, onde nos sentimos um pouco portugueses, um pouco africanos. "Como na psicanálise, somos forasteiros dos dois lados".

## Exercício da psicanálise

### A regulamentação da profissão de psicanalista

A questão da regulamentação da profissão de psicanalista está recebendo atenção especial no presente momento. Desde 1975 vêm sendo feitas algumas tentativas neste sentido sem, no entanto, ser obtidos resultados significativos. Isto se deve, principalmente, ao um desinteresse dos próprios psicanalistas, provavelmente pelo fato de que outros grupos que se intitulavam psicanalíticos, sem formação adequada, não chegavam a ter uma dimensão e representatividade preocupantes quanto aos danos que poderiam causar à psicanálise. Atualmente, no entanto, há uma invasão de inúmeros grupos que se intitulam "psicanalíticos", sem formação clínica e científica criteriosa. Neste momento, qualquer indivíduo pode intitular-se e exercer algo que pareça psicanálise, desde que simplesmente o queira. Cursos de "formação" psicanalítica são instituídos desde que só se inscrevam no cadastro geral de pessoas jurídicas e fixem um currículo mínimo. Um dos exemplos mais gritantes dessa situação é a oferta de cursos de formação psicanalítica pela Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, grupo formado por pasto-

res batistas e presbiterianos. Também, a Escola Superior de Psicanálise Clínica "forma" psicanalistas em cursos de 24 meses por correspondência, além de vários outros cursos que se dizem de formação e que proliferam sem nenhum rigor.

Como consequência desta situação, tramita na câmara dos deputados um projeto de autoria do deputado Éber Silva que objetiva regulamentar a profissão de psicanalista.

Este projeto gerou importante oposição de várias entidades psicanalíticas brasileiras o que conduziu à redação e subscrição de um manifesto, coordenado pela ABP, contra a regulamentação, para ser também encaminhado à Câmara dos Deputados.

Tal manifesto expõe, detalhadamente, o caráter complexo da formação psicanalítica, apoiada no tripé análise pessoal, cursos teóricos e supervisão de casos clínicos, procurando demonstrar que a formação do psicanalista é um processo permanente, cuja qualificação foge algum tipo de certificação por instituições de ensino ou órgãos reguladores públicos. "Por estes motivos, diz o manifesto, a psicanálise não é regulamentada como profissão no Brasil

e em nenhum outro país... Os psicanalistas não reclamam nenhuma regulamentação do Estado. A psicanálise progride há mais de um século graças a princípios e métodos rigorosos e a um corpo teórico que tem a proposta de Sigmund Freud como fundamento". Enfatiza que a regulamentação, tal como está sendo proposta pelo mencionado deputado, está embasada em premissas equivocadas e estipula procedimentos incompatíveis com a essência do ofício e formação do psicanalista.

A ABP solicitou à SPPA, bem como a todas as federadas do país, apoio e subscrição ao texto do manifesto. Através de sua diretoria e do conselho técnico-administrativo, a SPPA, em carta ao presidente da ABP e ao diretor do conselho profissional, afirma a conveniência de que "a ABP se manifeste com urgência, de forma contundente e individualizada de quaisquer outras manifestações de opinião por parte de outras entidades, sua posição contrária ao projeto", em vias de ser apresentado no Congresso Nacional.

## Instituto de Psicanálise

**P**or iniciativa do diretor do Instituto, dr. Luiz Carlos Mabilde, foi apresentada e aprovada pela Comissão de Ensino uma proposta de incumbir a Subcomissão de Docência de, no prazo de três meses, estudar e sugerir mudanças relativas à educação psicanalítica em nosso Instituto no que se refere ao corpo docente. Em uma segunda etapa, é pensamento da direção propor algo idêntico à Subcomissão de Avaliação, Seleção e Promoção para, então, estudar e propor mudanças relativas ao corpo docente.

Este passo busca dar uma maior objetividade a variados temas e propostas, que há muito tempo vem sendo discutidas na Comissão de Ensino, sem que as mesmas tenham tido a organização e a objetividade requeridas. Visam possibilitar efetuar mudanças, não em circunstâncias emergenciais, mas sim em termos estruturais e que tenham a propriedade de estarem sintonizadas com a realidade de nossos tempos.

Assim, serão alvo da aludida subcomissão alguns pontos tais como: critérios para o acesso às funções didáticas; constituição

da Comissão de Ensino; novos coordenadores para grupos de estudos.

O objetivo é dinamizar ainda mais o ensino na SPPA, alternando critérios no sentido de que mais colegas possam incrementar suas atividades societárias.

**Candidatos do 1º ano de seminários de 2001 da formação psicanalítica** - dra. Adriana Rispoli, dra. Neusa Knijnik Lucion, psic. Rosângela Costa, psic. Vânia Elisabete Dalcin e o dr. Victor Mardini.

**Candidatos do 1º ano de seminários de 2001 da formação de Psicanalistas de Crianças e Adolescentes** - psic. Eleonora Spinelli, psic. Eliane Goldstein, psic. Joyce Goldstein, dra. Magaly Wainstein, dr. Paulo Soroka, psic. Rosaura B. Lemberg e dra. Tula Bisol Brum.

**Graduados do Instituto** - foram declarados graduados do Instituto, na reunião da Comissão de Ensino em 19/10/00, as psic. Magali Fischer e Rosaura B. Lemberg; em 18/01/01, o dr. Alfredo Cataldo Neto e, em 22/03/01 a dra. Denise Lahude e as psic. Ma-

ria de Fátima Freitas e Mazlôwa Maris Heck.

**Assistente de Ensino** - foi indicada para exercer as funções de Assistente de Ensino junto à Comissão de Ensino, a dra. Maria Lucrécia Zavaschi, em reunião da CE do dia 18/01/01.

**Membro Associado:** passou a psicanalista e membro associado da SPPA, a dra. Margareth Silveira Campos, em 29/03 último.

**Seminários optativos** - encontram-se abertas as inscrições para os seguintes seminários optativos destinados a candidatos egressos de seminários e membros da SPPA:

“Retomando o estudo do texto freudiano”, coordenado pelo dr. Roaldo N. Machado;

“Simbolização e virtualidade”, coordenado pelo dr. Ruggero Levy.

**Grupos de Estudos** - Estão em andamento dois grupos de estudos coordenados pelo dr. Raul Hartke: um sobre Bion e outro sobre a obra de Meltzer. Está em funcionamento, desde março, o grupo de estudos sobre “Mitos e Psicanálise”, coordenado pelo dr. Isaac Pechansky.

## Candidatos

### IX Simpósio Interno

Em razão do grande número de reuniões científicas na SPPA, comunicamos a mudança da data do IX Simpósio Interno da nossa Associação. A nova data, agora definitiva, será 1 e 2 de junho de 2001. A comissão coordenadora vem trabalhando para que a principal atividade científica da Associação dos Candidatos confirme uma tradição de sucesso das edições anteriores. O evento estará centrado na discussão de dois casos clínicos, previamente selecionados, a partir de relatórios de supervisão curricular. Já estamos recebendo os trabalhos dos cole-

gas interessados em participar da seleção. Em breve estaremos divulgando, de forma mais detalhada, a sistemática proposta para o simpósio.

#### Formação Psicanalítica

Por resolução da assembléia geral da Associação de Candidatos, realizada em 11 de dezembro, deverá ser criada uma comissão permanente de estudos com a finalidade de refletir sobre os vários aspectos da formação, incluindo nossa responsabilidade no processo educativo. Pedimos aos colegas interessados em participar dessa comissão fazer contato com a diretoria.

### Clube de Revista

A última reunião do Clube de Revista ocorreu em 19.04.2001. O artigo selecionado foi: “A Subjetividade e Objetividade do Analista”, de autoria de Owen Renik seguido do comentário de Marcia Cavell. O Dr. Paulo Henrique Favalli debateu esse trabalho de grande repercussão e atualidade. Lembremos que já está programada uma visita do Dr. Owen Renik à SPPA no segundo semestre deste ano.

## Centro de Avaliação e Encaminhamento Psicanalítico

**E**m levantamento realizado sobre as atividades do Centro de Avaliação e Encaminhamento Psicanalítico do Instituto de Psicanálise (CAEP) da SPPA durante o ano 2000, verificamos que foram avaliados 89 pacientes neste período e que 22 (24,71%) iniciaram psicoterapia e 14 (15,74%) iniciaram análise, o que é um índice muito positivo em comparação com a média de outros serviços e de outros locais da América Latina.

O Centro está ampliando suas atividades com o objetivo de divulgar a psicanálise, a SPPA e o funcionamento do CAEP, buscando assim torná-lo mais conheci-

do pela comunidade. Neste sentido foi organizado um ciclo de debates sobre "Origens do tratamento psicanalítico" dirigido a estudantes de medicina e psicologia, que está sendo realizado no auditório de nossa sociedade e já conta com 44 inscrições.

Também foi organizado em conjunto com a secretaria científica da SPPA um ciclo de debates sobre "Freud e Shakespeare no Cinema" a ser realizado mensalmente, em nosso auditório no quarto andar.

Os programas dos dois ciclos encontram-se à disposição na Secretaria da SPPA. Contamos com sua presença. Participe!

### Atividades científicas da SPPA

Além das atividades programadas para o ano de 2001, e já divulgados, a diretoria da SPPA, pensando nas atividades científicas para 2002, está articulando a vinda de três analistas britânicos: a dra. Betty Joseph que mostrou disponibilidade para visitar-nos no final de março de 2002; a dra. Elizabeth Spillius que, provavelmente virá no mês de julho, e o dr. John Steiner, que ainda não definiu data.

## Ciclo de debates

### "Freud e Shakespeare no Cinema"

#### Programa:

20/04/01 - Sexta-feira às 18h30min

Filme: **Ricardo III**

(versão com Ian Mc Kellen)

Coordenador: Antonio Carlos J. Pires

Debatedores:

Luiz Carlos Mabilde e Mirna Spritzer

04/05/01 - Sexta-feira às 18h30min

Filme: **Hamlet**

(versão com Laurence Olivier)

Coordenador: Marlene Silveira Araújo

Debatedores: Germano Vollmer Filho e Luiz Antônio Assis Brasil

08/06/01 - Sexta-feira às 18h30min

Filme: **Macbeth**

(versão com Orson Welles)

Coordenador: Roberto Gomes

Debatedores: Cláudio Eizirik e Ruben George Oliven

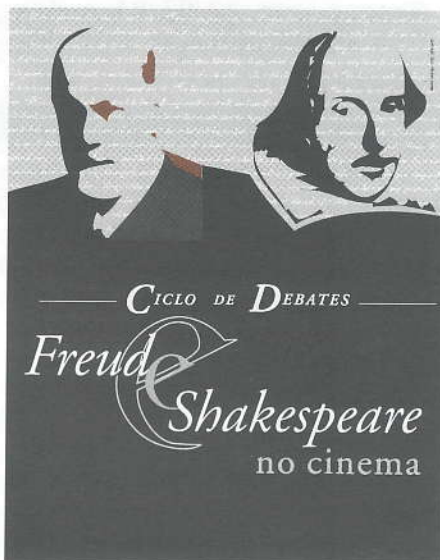
13/07/01 - Sexta-feira às 18h30 min

Filme: **Otelo**

(versão com Kenneth Branagh)

Coordenador: Isaac Pechansky

Debatedores: Paulo Fonseca e Bárbara Heliodora



10/08/01 - Sexta-feira às 18h30 min

Filme: **Rei Lear**

(versão com Laurence Olivier)

Coordenador: Gerson Berlim

Debatedores: Juarez G. Cruz e Léa Masina

14/09/01 - Sexta-feira às 18h30min

Filme: **Henrique V**

(versão com Kenneth Branagh)

Coordenador: Carlos Gari Faria

Debatedores: Paulo Bittencourt Soares e Sandra Pesavento

19/10/01 - Sexta-feira às 18h30min

Filme: **Sonho de uma noite de Verão**

(versão com Kevin Kline)

Coordenador: Sérgio Lewkowicz

Debatedores: Raul Hartke e Lya Luft

23/11/01 - Sexta-feira às 18h30min

Filme: **Muito barulho por nada**

(versão com Kenneth Branagh)

Coordenador: Sérgio de Paula Ramos

Debatedores: Paulo H. Favalli e Donald Schuller

07/12/01 - Sexta-feira às 18h30 min

Filme: **Romeu e Julieta**

(versão dirigida por Franco Zeffirelli)

Coordenador: Paulo Fonseca

Debatedores: Flávio Rotta Corrêa e Regina Zilberman

**Todos os encontros realizar-se-ão no auditório da SPPA**

## Internacional

# I Encontro Brasileiro de Difusão da Psicanálise

Com o apoio do Comitê de Psicanálise e Sociedade (CPS) da IPA, a ABP promoverá em Porto Alegre, dias 18 e 19 de maio de 2001, o I Encontro Brasileiro de Difusão da Psicanálise. O evento está sendo organizado pelas três sociedades do Rio Grande do Sul filiadas a IPA e realizar-se-á na sede da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Serão debatidos os seguintes temas: Núcleos de difusão da psicanálise, Clínicas sociais e Intercâmbios com o meio acadêmico e cultural.

Participarão do debate os presidentes e os delegados das entidades federadas da ABP, os integrantes do conselho diretor e todos os membros da ABP que tiverem interesse, mediante inscrição gratuita, que poderá ser feita com a secretaria da SPPA, até o dia 30 de abril.

Essa é a primeira vez que uma reunião específica para debater a difusão da psicanálise é realizada no Brasil pelas instituições da IPA e dá seqüência às atividades que o CPS vem desenvolvendo na América Latina. Compõe sua comissão organizadora: Bruno Salésio Francisco (SPPel), Cláudio Laks Eizirik (SPPA), Gley P. Costa (SBPdePA), José Luiz Meurer (SPPel) Leonardo Francischelli (SBPdePA), Luiz Carlos Mabilde (SPPA), Luiz Gonzaga Brancher (SBPdePA), Paulo Fonseca (SPPA) e Plínio Montagna (SBPSP).

Essa é a primeira vez que uma reunião específica para debater a difusão da psicanálise é realizada no Brasil pelas instituições da IPA e dá seqüência às atividades que o CPS vem desenvolvendo na América Latina. Compõe sua comissão organizadora: Bruno Salésio Francisco (SPPel), Cláudio Laks Eizirik (SPPA), Gley P. Costa (SBPdePA), José Luiz Meurer (SPPel) Leonardo Francischelli (SBPdePA), Luiz Carlos Mabilde (SPPA), Luiz Gonzaga Brancher (SBPdePA), Paulo Fonseca (SPPA) e Plínio Montagna (SBPSP).

## Casa de Delegados

Como é do conhecimento de todos os membros da IPA a Casa de Delegados representa os interesses das sociedades componentes da IPA, as quais, como a SPPA, com idênticos propósitos, agrupam-se em três distintos grupos, de acordo com as regiões geográficas da IPA.

Outro fato bem conhecido é o de que a IPA vem passando por uma fase de transição, caracterizada por um amplo e profundo estudo que visa modificar a sua estrutura diretiva, administrativa e financeira no sentido de torná-la mais funcional e, do ponto de vis-

ta científico, mais aproveitável por parte da totalidade dos seus membros. Como resultado disso, um comitê especial da IPA – “Task Force on Structure and Mission (SAM)” – do qual faz parte o colega Luiz Carlos Mabilde, enviou, em novembro de 2000, à Casa de Delegados seu relatório final, após dois anos de trabalho, no qual propõe radicais mudanças na IPA.

Em suas reuniões em Puerto Vallarta, México, entre 4 e 8 de janeiro, a Casa de Delegados ocupou-se principalmente em discutir o relatório enviado pelo “SAM

Committee” dada a enorme importância do assunto.

A participação do dr. Mabilde incluiu a abordagem de questões relacionadas à próxima votação da IPA.

Além disto, fez o relato à Casa de Delegados dos dois últimos eventos importantes da psicanálise na América Latina: o Congresso da Fepal em Gramado e o encontro dos Presidentes Latino-americanos em Manaus.

Por último, a “Casa” discutiu e propôs mudanças para os congressos da IPA, as quais foram encaminhadas ao “SAM Committee”.

## Psicanálise e Universidade

Promovido pelo Sub-Comitê Norte-Americano do Comitê de Psicanálise e Sociedade da IPA, foi realizada em Harriman, próximo a Nova York, a “Conferência Interdisciplinar sobre Psicanálise e Universidade” de 30 de março a 1º de abril. O encontro reuniu 80 psicanalistas e professores universitários de psiquiatria, psicologia, antropologia, filosofia, literatura e ciências políticas, para discutir o ensino da teoria psicanalítica nos cursos de graduação e pós-graduação da América do Norte. O encontro constou de sucessivas reuniões em pequenos grupos e de conferências, a partir do relato das experiências de várias Universidades dos Estados Unidos e Canadá. Foram examinados as seguintes questões: o impacto atual da psicanálise em cada uma das áreas mencionadas, as dificuldades e possibilidade de sua presença na universidade, a necessidade ou não de análise pessoal para

uma adequada compreensão da teoria psicanalítica. Também foram discutidos os diferentes tipos de teses de doutorado sobre psicanálise e as características, vantagens e problemas desses doutorados, existentes em algumas universidades. Ainda, foram debatidas as diferentes formas de pesquisa psicanalítica e as relações entre as sociedades psicanalíticas e os cursos universitários sobre estudos psicanalíticos.

A plenária inicial, intitulada Perspectivas Internacionais, constou da apresentação da experiência de outros países, através de relatórios dos drs. Peter Fonagy (Inglaterra), Pierre Fedida (França), Shmuel Erlich (Israel) e Cláudio Laks Eizirik (Brasil), que relatou a história e a situação atual da relação entre a psicanálise e a universidade no Rio Grande do Sul. A síntese final da conferência estará brevemente disponível na homepage do CPS/IPA, bem como na secretaria da SPPA.

### Fall Meeting da Associação Psicanalítica Americana

Durante este encontro anual da Associação Psicanalítica Americana, realizado em dezembro de 2000, em Nova York, o dr. Cláudio Laks Eizirik apresentou o trabalho “O desafio da neutralidade analítica”, tendo como debatedora a Dra. Haydée Faimberg. O formato do encontro consiste em apresentações de 45 minutos com outros 45 para discussões, tendo o trabalho motivado comentários de Harold Blum, Owen Renik, Waren Poland, entre outros.

## Entrevista *Dr. Paulo Martins Machado*

# Memória

**Num final de tarde de um domingo, no dia 5 de novembro do ano passado, num clima descontraído, amigável e hospitaleiro, como era do seu feitio, com Amanda servindo chá e gostosuras, o Dr. Paulo Machado recebeu em sua residência a Comissão de Memória da SPPA para uma entrevista, na qual falou a respeito de sua vida e participação no movimento psicanalítico**

Sorrindo e afirmando que “com a idade, nossas memórias podem fabricar falsificações e florear os fatos” e manifestando sentir-se honrado e emocionado com a entrevista por “passar para a história”, revelou ter preparado algumas anotações para ser tão fidedigno quanto possível e não ser traído por tais falsificações.

Contou que desde cedo recebeu muita influência de seu pai, Dyonélio Machado, psiquiatra e escritor, lembrando que “quando criança o meu pai me levava para passear no São Pedro, e eu gostava”. Ainda menino, teve convivência com pessoas que, posteriormente, algumas delas, se tornariam as precursoras da psicanálise no nosso meio. “O Mário Martins era colega do Dyonélio, de forma que convivi com ele desde cedo e tenho lembranças com ele desde 1947. O Cyro Martins, quaraiense, escritor e amigo do meu pai. O professor Celestino, filho do Alegrete, também próximo, e o José Maria Santiago Wagner, meu primo segundo”. Aos seis anos passou uma temporada na casa dos pais do Dr. Wagner, numa época em que seu pai estava preso por motivos políticos.

A convivência com pessoas tão marcantes pode ter tido algum tipo de influência, uma espécie de configuração de um caminho pré-determinado. Mas localiza na sua ju-

ventude a principal lembrança a respeito da atração pela psicanálise: “A pré-história da minha história como psicanalista. Eu digo que sou anterior a SPPA, fora, antes, no tempo em que ela era quase uma presunção, uma hipótese no horizonte. Vou começar estas lembranças quando meu pai, Dyonélio Tubino Machado, me colocou nas mãos um livro sobre Freud em 1947 ou 1948. Eu tinha uns 17 ou 18 anos. Eu devorei. Me senti mobilizado, puxado para a

chegando a escrever um artigo a respeito no Bisturi, publicação do diretório acadêmico de então. Uma maior aproximação com as teorias psicodinâmicas ocorreu logo após graduar-se médico, “em 1956 o Roberto, o David e o Paulo Guedes formaram um curso de especialização em psiquiatria dinâmica. Era um curso de uns dois ou três meses. Ainda não era o curso de especialização. Este veio depois. Neste curso eu fiquei estarelecido ao aprender que a psicose também

tinha origem psicológica, e não só das neuroses”.

Pouco tempo depois foi criado o curso de especialização em psiquiatria na UFRGS e Paulo Machado foi aluno da primeira turma. Como a orientação era psicodinâmica, o caminho natural da especialização era a formação psicanalítica. Iniciou sua análise pessoal com Roberto Ribeiro em 1960 no ano seguinte aos seminários. Super-

sionou com José M. S. Wagner, lembrando que este organizava o material de tal forma que “não era mais da cabeça”.

“Fui da primeira turma da especialização e da formação também. A formação analítica foi interessante. Nós começamos mais atrasados, não sei porque razão, uns meses: o Carlos Knijnik, Sylvio Raia Ibañez e eu. Era um três. Mas tinha uma outra turma que também era primeiro ano



*Dra. Raquel Eizerick, psic. Ingeborg M. Bornholdt, dr. Paulo Martins Machado, sra. Amanda Machado psic. Inúbia Duarte. Atrás: drs. Jair Knijnik e Ruyard E. Sordi*

psicanálise com 17 anos. Fui ser psicólogo”, disse, ao lembrar que durante o curso de medicina dedicou-se a estudar os testes Rorschach, T.A.T. e outros. Na época, a psiquiatria era uma especialidade desvalorizada e quando anunciou que iria dedicar-se a ela, alguns professores e colegas diziam-se decepcionados: “Mas por que? O que tu queres com isto?” Sentiu-se impulsionado a defender e fazer propaganda da psiquiatria,



# resgatada

Pechansky, o Germano, a Emília e a Beatriz. Lá pelas tantas se fundiram as duas turmas”. Paulo referia-se à primeira turma a obter titulação pela SPPA. Antes disto, apesar dos seminários serem ministrados aqui, a titulação era concedida por outras sociedades psicanalíticas, mediante apresentação dos respectivos trabalhos.

Em 1963 estavam em andamento as tratativas para a criação da SPPA. “Tive a honra de sugerir ao meu analista que se organizasse um fundo para custear as passagens dos nossos membros até Helsinque onde o nosso grupo iria virar sociedade. Isto era do outro lado do mundo, era impossível de ir. Não sei se o meu discurso teve algum efeito, mas o fundo foi instituído e lá se foram Paulo Guedes, David Zimmermann, Mário Martins, Cyro Martins, Luiz Carlos Meneghini e José Maria Santiago Wagner para as terras geladas do Pólo Norte, trazendo o calor da boa nova. Aqui, no dia em que, no Hotel Umbú, foi celebrada a criação da SPPA, Roberto, ao discursar em nome da entidade, chorou de emoção. E nós também”.

Assim referiu-se ao clima dominante neste período de sua formação: “Não fazíamos apenas formação psicanalítica, nós participávamos de um empreendimento científico, redentor. Tudo para nós era uma espécie de cruzada”. Comentou que este clima aqui era completamente diferente do de São Paulo e que proporcionava um convívio próximo entre os candidatos, seus analistas e professores. “A esposa do Winnicott quis fazer uma análise kleiniana. A Melanie Klein não cumprimentava nem na entrada nem na saída, era interpretação e deu. Eu acho que São Paulo pegou um pouco desse clima e os candidatos começaram a estrilar, se sentir excluídos. Não sei se isto não ajudou na criação da associação de candidatos, mas quando se lançou esta idéia de fundar uma associação para defender os direitos dos candidatos, eu entrei correndo no consultório do Dr. Má-

rio, nada a ver comigo. Eu era levado no colo por todo mundo. Então eu não tenho esta vivência, eu me sentia em casa”.

Nos anos que se seguiram, foi publicada a tradução da biografia de Freud escrita por Ernest Jones e surgiu no Brasil a Edição Standard das Obras Completas de Freud. “As coisas borbulhavam do chão e a gente não tinha tempo de ver tudo o que queria e precisava”. Já havia tomado contato com a teoria de Melanie Klein: “Me apaixonei. Um mundo fantástico me abria uma perspectiva impressionante de compreensão...A teoria de Klein sobre o objeto parcial é um avanço estupendo...Mas eu ficava horrorizado, tenho tudo isto dentro de mim? Esta paixão continua hoje com Meltzer”

Paulo Machado tornou-se membro associado em 1979 e membro efetivo em 1985 quando apresentou seu trabalho sobre Reparação, evidentemente, de orientação Kleiniana. Mas, antes disso, já em 1980, iniciou com atividades didáticas. Foi tesoureiro da SPPA de 1985 a 1987 e presidente de 1987 a 1989, além de participar de várias atividades administrativas e comissões. Lembrou-se, com muito orgulho, da sua participação na criação de vários empreendimentos que ele chamou de “coisas interessantes”:

- a criação, em 1982, durante a gestão do Dr. Germano Vollmer Filho, do Boletim da SPPA, que posteriormente deu origem ao atual Jornal da SPPA. “Havia uma idéia antiga na Comissão de Ensino de fazer uma listagem dos trabalhos e assuntos, nomes de autores para todos os associados. Essa espécie de memória, isso me une a vocês”;

- o estabelecimento da SPPA em Santa Catarina. “Foi uma sugestão política do Germano e eu, como presidente, apoiei. Fomos disputar o território com o adversário, nós tínhamos um adversário. Foi um acontecimento marcante na minha vida. A idéia que eu transmitia para eles era esta: vocês têm que se constituir numa sociedade psicanalítica e não um apêndice de Porto Alegre”;



- a informatização da Sociedade, há 13 anos. Paulo sentia-se relutante com esse processo, e só mudou de idéia quando Roberto Pinto Ribeiro disse-lhe que se não fosse feita, iria provocar um atraso de dez anos;

- a admissão de psicólogos para formação psicanalítica. Destacou sentir muito orgulho por tal mudança ter se cristalizado na sua gestão e, na sua opinião, serão os psicólogos que “levarão o estandar-te da psicanálise”;

- a criação da revista Arquivos em 1988. “Com muito carinho criei a primeira revista da Sociedade, chamada Arquivos que depois deu origem a nossa Revista da SPPA”;

- a instituição de um representante dos candidatos junto à direção do Instituto, sendo o primeiro o Dr. Hamilton O. P. da Fontoura.

Após este passeio histórico, Paulo Machado falou-nos a respeito do presente, das suas opiniões e preocupações quanto à situação atual da psicanálise. Assim sendo, como homem de pensamento claro e firme, expressou o que acha, por exemplo, sobre a psicanálise aplicada a arte: “Não se pode fazer psicanálise aplicada à arte. Tu não podes analisar uma criatura morta, e uma obra é uma coisa

morta. Tu pegas uma obra, lês e dizes: este sujeito tem complexo de castração, etc. Mas nós precisamos desesperadamente da resposta do nosso analisando. É ela que nos coloca no mundo. Precisamos do vínculo transferencial. Precisamos estar metidos naquele clima para dizer as coisas. Uma coisa é tirar subsídios de uma obra para a psicanálise, como Freud e Melanie Klein. Agora, tu psicanalisares, chegares a conclusões de uma criatura, é igual a olhar para uma estátua e dar uma interpretação."

### **Sobre psicanálise e comunidade**

"Um problema importante para nós é nos contatar com a comunidade. Não é fazer a comunidade falar sobre psicanálise, mas nós falarmos sobre a comunidade. Damos a nossa opinião. Por exemplo: qual é a opinião de um psicanalista sobre uma vila popular? O que falta? O que nós podemos contribuir para melhorar o nível das pessoas de uma vila? Para o meu gosto é ego. Claro, eles não têm ego. O que é ego? Ego é instrução, ego é comida, é cama. Qualquer pessoa que não tem ego fica exposta ao quê? Ao Id. Nós teríamos muitas coisas a dizer para esta gente. Mas agora, estas pessoas virem falar de psicanálise? "

Neste sentido, Paulo Machado propôs que os psicanalistas deveriam ter participação mais ativa em organismos tais como o Cremers, poder executivo, incluindo educação e saúde, legislativo e judiciário, dando a sua versão dos problemas destas áreas, e não ir para a televisão dizer que a psicanálise é maravilhosa.

### **Sobre a duração da análise**

"É complicado. Vou dizer bem o que penso. Se a análise do meu supervisionando desencadeasse um processo analítico intenso, o tempo em que esta análise se expressaria como neurose de transferência seria mais curto e, então, em vez de tu passares um ano inteiro rodeando transferência, depois de cinquenta horas, estaria tudo fervendo. A gente

poderia então ensinar como é que se toma banho com a água a sessenta graus sem se queimar demais. Ora, isto fatalmente faria com que uma supervisão de dois anos em prazo menor pudesse ser mais rica, mais efetiva. Agora, uma análise que não chega a pegar fogo vai ter que durar mais tempo. De quem é a responsabilidade? Não sei te dizer. É do analisando? Do supervisionando? Do tipo de caso? Do analista, do candidato? Eu sei isto: tem análise que não pega fogo. Frequentemente meus alunos, supervisionandos dizem: estou com medo. Há um medo nas pessoas que estão em treinamento que deverá ser muito bem examinado, tratado, porque este medo é uma barreira para a neurose de transferência, um repúdio à loucura. O nosso trabalho é de risco, implica risco. Nós temos que ter um certo talento para descobrir até que ponto podemos nos arriscar. Nós temos que nos arriscar, senão o caso não anda. Isto encurtaria o processo, talvez, mas eu acho que a psicanálise jamais vai ser um processo rápido".

### **Sobre aspectos teóricos e técnicos**

"A teoria do instinto de morte é inócua. O homem quer matar, ele quer assassinar, não quer morrer, não quer sumir. Freud dizia que a morte não tem representação no inconsciente. O homem quer matar o outro, mas quando o self está fundido ao objeto, aí o homem pode se matar para atingir o objeto, e aí a chuva cai no próprio telhado. O que é a volta ao estado anterior na morte? Eros também faz moléculas, mas quer o que? Quer voltar para o estado anterior. E qual é o estado anterior à morte que existe? Não tem estado anterior. A morte não é um impulso, um acontecimento evolutivo, é um desastre que acontece com a gente. O Dyonélio defende isto, que a gente é um bandido. A teoria da reparação não precisa do instinto de morte. Ela precisa da agressão. Aliás, a Psicologia do Ego jamais aceitou o instinto de morte. Só a Melanie

Klein, não sei porque, se apaixonou pelo instinto de morte."

Outra coisa com que fico muito preocupado é com o desuso da teoria sexual de Freud. Esses dias, num seminário, eu levei trabalhos da Betty Joseph, do Antonino Ferro e do Etchegoyen. Só o Etchegoyen mencionou a teoria sexual de Freud. Betty Joseph, trabalhando no aqui e agora, não mencionou. Me parece uma psicanálise interpessoal, à la Sullivan. Tudo bem, tem a sua utilidade, mas fica no interpessoal, não tem fantasia inconsciente, não tem nada. Eu ouvi, da Betty Joseph, na nossa sociedade, que não iria tocar na homossexualidade de um paciente seu porque era muito cedo. Quatro anos de análise. Muito cedo? E o Ferro, que se diz bioniano, diz que: 'naquele quarto eu não entro'. Mas porque é que não entra? Há trabalhos políticos que querem dizer que a concepção de perversão depende do contorno cultural. Como assim? No Brasil tu chamas de perversão, na China não é? Isto é o fim da teoria da perversão de Freud, dos Três Ensaios e principalmente da 'Divisão do ego no processo de defesa', da negação psicótica do fato, tu negas. Há trabalhos políticos que querem pegar no bico dos homossexuais, e toda a onda agora é de que não, não é perversão. E com isto estão demolindo, aos poucos, de um jeito ou de outro, a teoria sexual. E isto começou, lamentavelmente, com Melanie Klein, quando ela puxa o complexo de Édipo para o peito e desqualifica a sexualidade concomitantemente. Eu vou te contar, não sei trabalhar sem a teoria sexual de Freud. E agora, se ninguém trabalhar, como é que eu fico? Eu acho que quem não trabalhar com o objeto parcial na teoria sexual de Freud estagnou."

Com estas opiniões realmente inquietantes a entrevista foi encerrada. O sentimento era o de que Paulo Machado teria muito mais a dizer, e nós muito mais a ouvir, De forma que ficou combinado um novo encontro que, infelizmente, não poderá acontecer.

## Comissões

# Psicanálise da Infância e Adolescência

A comissão reuniu-se no dia 14 de março com os alunos do curso de formação e os professores para dar início às atividades que serão desenvolvidas neste ano e apresentar aos colegas novos as atividades do curso. Além disso, os presentes foram convidados a se engajarem nas atividades dessa área, ligadas à comunidade e às outras comissões da sociedade que contribuem para a difusão e

a divulgação da psicanálise da infância e adolescência.

Foi apresentado o programa do III Simpósio, destacando-se a organização de atividades preparatórias e a preocupação em congregar o maior número possível de colegas para as mesmas. Também foi apresentado o convite para a participação nas atividades de sociedades co-irmãs como APA e APDeBA. Faz parte da idéia desta comis-

são ir ao encontro da comunidade geral e também de entidades ligadas a esta área e trazer para dentro da SPPA os colegas que vem fazendo estudos que contribuam para o nosso aprimoramento científico.

Queremos destacar que as atividades propostas já estão sendo amplamente divulgadas e que esperamos contar com a participação de todos os colegas da Sociedade e do Instituto.

### II Diálogo Intergeneracional de Mulheres Analistas

Realizou-se entre 1 e 3 de fevereiro em Monterrey, México, o II Encontro, promovido pela COWAP, em que foi debatido o tema: "As quatro estações de vida da mulher - infância, adolescência, idade adulta e velhice". O próximo encontro realizar-se-á em Porto Alegre nos dias 3 e 4 de maio de 2002 sob os auspícios da IPA e SPPA, coordenado pela dra. Marlene S. Araujo. O tema proposto foi "Feminino/Masculino: questões contemporâneas".

### Congresso da Seção da Criança e do Adolescente

Este congresso, organizado pelo Comitê Francês de Organização, terá como tema "A criança e o adolescente psicóticos e suas famílias" e será realizado no Centre de Congrès de Caen, de 28 a 30 de setembro de 2001, França. Maiores informações em nossa secretaria.

### III Simpósio Anual da Comissão de Psicanálise da Infância e Adolescentes da SPPA

O terceiro simpósio ocorrerá de 10 a 12 de maio, com a participação do Dr. Luis Kancyper que proferirá três conferências abertas a profissionais da área e supervisões coletiva e individuais, estas somente para colegas da SPPA.

## Psicanálise e Sociedade

Desde janeiro de 2001 esta comissão vem se reunindo num grupo mais amplo, com o objetivo de divulgar a psicanálise e promover sua integração com diversas áreas da sociedade.

A primeira atividade do ano consistiu no debate psicanalítico sobre a peça "Visitando Mister Green", de autoria de Jeff Baron e encenada por Paulo Autran e Cassio Scapin. O Conselho da Mulher Judia promoveu uma apresentação inaugural e beneficente desta peça no Teatro São Pedro em 15 de março. Participaram da mesa os colegas Roberto Gomes e Sérgio Lewkowicz.

Estão em andamento os seguintes projetos:

- dar continuidade às palestras

integradas com a SOGIRGS. Tentando incluir outras especialidades nestas palestras fizemos alguns contatos e já obtivemos a confirmação dos departamentos de cardiologia, gastroenterologia e urologia. Aguardamos a confirmação dos da reumatologia e oncologia;

- montar um banco de dados com artigos temáticos de interesse público, escritos por colegas da SPPA, a serem oportunamente publicados no Caderno de Cultura, Caderno Vida, Perguntas e Respostas da ZH assim como em outros jornais de circulação local;

- organizar palestras integradas com o Ministério Público e Juizado de Menores, visando abranger temas da infância e adolescência;

- promover um evento na

PUCRS, no segundo semestre, em conjunto com Jairo Araujo e Alfredo Cataldo Neto para profissionais e estudantes do serviço social, medicina e direito;

- prosseguir contatando com a Fundação "Vida Urgente" (Fundação Tiago Gonzaga) para avaliar as possibilidades de um trabalho integrado com a comunidade;

- divulgar os cursos organizados pelo Instituto da SPPA e CAEP;
- dar continuidade ao Ciclo de Cinema em parceria com a Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul;

- colaborar na divulgação do ciclo de debates "Freud e Shakespeare no Cinema" organizado pela SPPA e do III Diálogo Intergeneracional de Mulheres Analistas.

## Rómulo Lander: a inserção lacaniana

*Estará entre nós durante os dias 21 a 24 de maio próximo, o dr. Rómulo Lander, professor titular com funções didáticas no Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Caracas. Formado em medicina no ano de 1962, pós-gradou-se em psiquiatria clínica naquela cidade, complementando seus estudos posteriormente na Harvard University, onde fez residência em psiquiatria de adultos, estudos avançados em psicoterapia de grupos e pós graduação em psiquiatria infantil.*

*Na Sociedade Psicanalítica de Boston, participou de curso avançado e supervisões de psicoterapia conduzidas por Elizabeth Zetzel. Possuidor de extenso currículo, tem dezenas de trabalhos publicados, a maioria como psicanalista, versando sobre os mais diferentes temas - de técnica, teoria, aplicados ao cinema e à literatura, ensino da psicanálise entre outros. Há vários anos vem se dedicando ao estudo e ensino da obra de Lacan. "Com Lacan e depois de Lacan" foi o título do curso que proferiu durante sua estada no RS em setembro passado, por ocasião do XXIII Congresso Latino-americano de Psicanálise. Esse será o tema de suas conferências e curso durante sua próxima visita à SPPA.*

*O dr. Lander já ocupou inúmeros cargos administrativos em quase todas as esferas da hierarquia psicanalítica. Atualmente é membro do Comitê de Ética da IPA e Membro do Comitê de visita da IPA para a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro - Rio I. Antecipando sua visita, concedeu ao Jornal da SPPA a seguinte entrevista via e-mail.*

**Jornal :** Como o senhor vê a situação da psicanálise na Venezuela ?

**Rómulo Lander:** Neste momento, existem em Caracas (Venezuela) três tipos de escolas que promovem formação psicanalítica. Duas sociedades e institutos filiadas à IPA com 120 membros no total, uma escola de Lacan, a Escola do Campo Freudiano, filiada à Associação Mundial de Psicanálise (AMP) com, em torno, 35 membros qualificados, e uma escola jungiana, o Instituto Psicanalítico de Jung, filiado à Internacional Jungiana, com cerca de 25 membros qualificados.

Todas estas instituições aceitam médicos, psicólogos e outros egressos universitários para a realização da formação. As três instituições mantêm uma intensa participação nas múltiplas pós-graduações de psiquiatria e em outras faculdades universitárias, como as escolas de Psicologia, Letras e Filosofia. Alguns, na qualidade de professores universitários e, outros, na de professores convidados. Em geral, a relação profissional entre os membros das diferentes escolas é boa e respeitosa, incluindo boas relações de amizade pessoal. Ocasionalmente, realizam-se atividades científicas com participação de todas as escolas.

O atendimento psicanalítico sempre foi pago de forma privada pelos analisandos. Nunca existiu um sistema estatal ou de seguros de saúde que assumam estes serviços, com raras exceções de algum seguro de saúde estrangeiro.

A prática psicanalítica foi e segue sendo bem recebida nos hospitais e na área privada. Contudo, a demanda por psicanálise diminuiu. A diminuição no custo das sessões é a norma. E é freqüente escutar que as análises são conduzidas com duas ou três sessões semanais. Isto não abrange a análise de candidatos nos institutos da IPA, onde existe um rigoroso cumprimento das quatro sessões semanais. Existe, igualmente, uma diminuição no número de solicitações para a formação psicanalítica, de modo similar nas três escolas.

**Jornal :** Sabendo que o senhor está ligado a uma sociedade vinculada à IPA, como seu interesse dirigiu-se à teoria lacaniana e como viabilizou sua formação?

**Rómulo Lander:** A teoria de Lacan aparece na Venezuela em 1975, com a chegada de uma analista, Diana Ravinovich, que emigrou para Caracas, proveniente de Buenos

Aires. Essa analista, possuidora de um conhecimento da teoria de Lacan e de uma boa capacidade didática, iniciou, com êxito, grupos de estudos. Nessa época, os membros das sociedades em Caracas, filiadas à IPA, tinham uma atitude de rechaço a esse tipo de ensino. Lacan correspondia a uma figura obscura, sobre quem se falava que havia sido expulso da IPA pelo problema com as sessões curtas. Além disso, sua teoria era de difícil entendimento. Em nenhum momento se proibiu oficialmente o estudo da obra de Lacan. Simplesmente, não era bem vista. Ademais, não existia particular interesse em estudá-lo por parte da maioria dos analistas, com algumas honrosas exceções. Dois analistas didatas, buscando novos conhecimentos, uniram-se a esses grupos de estudo. Eu supervisionava com um deles. Ao terminar minha formação, comecei a participar desses grupos. Dei-me conta de que o ensino de Lacan deixa efeitos naquele que o estuda. Após estudá-lo, já não era o mesmo. Também me dei conta de que havia muito a estudar. Era uma tarefa duplamente difícil: primeiro, a dificuldade para entendê-lo e, depois, estudá-lo vinculado a uma instituição filiada a IPA. Inclusive, em 1981, depois da morte de Lacan,

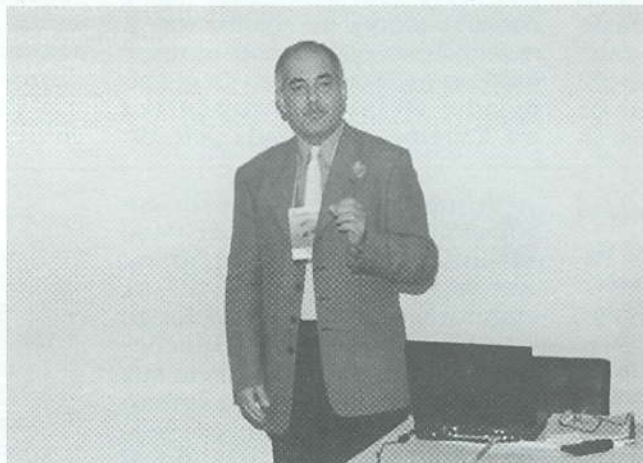
J.A. Miller decretou em Paris um congelamento e distanciamento da IPA e de todos os seus membros. Já não podia assistir às conferências da escola lacaniana, nem aos cursos ministrados pelos convidados de Paris, tampouco conseguir facilmente seus livros. Esta atitude política anti IPA, mudou vários anos depois. Naquela época, temia-se que a obra de Lacan pudesse ser banalizada e incorporada ao corpo geral da teoria psicanalítica. Hoje em dia, com pelo menos 30 escolas lacanianas diferentes na Europa e América Latina, independentes uma da outra, esse temor parece ridículo.

De minha parte, continuo o estudo da obra de Lacan em vários grupos de estudo simultâneos. Não sou laciano porque não fui analisado por um analista laciano, nem pratico o corte de sessão, nem a sessão curta. Lacan me conduziu ao conceito de psicanálise estrutural, no meu entender, fundamental para aprofundar a prática e a teoria psicanalítica atual.

**Jornal : Como o Sr. vê a trajetória de afastamento e aproximação entre a IPA e o movimento laciano?**

**Rómulo Lander:** O mapa atual do movimento laciano revela a existência de muitas escolas lacanianas independentes. Só na França existem mais de 20 escolas diferentes. Espanha, Itália, Brasil, Argentina, México, Colômbia e Venezuela, que eu saiba, têm várias escolas lacanianas diferentes e independentes umas das outras. Esta situação levou J.A. Miller a promover algo com o que Lacan sempre esteve em desacordo e a que sempre se opôs. Refiro-me a institucionalizar o movimento laciano. Assim, J.A. Miller criou a Associação Mundial de Psicanálise (AMP), constituída pelas escolas que Lacan havia deixado em vida. Jacques Lacan sempre insistiu em que a instituição psicanalítica dificultava e até impedia a ruptura epistemológica e o progresso das idéias. Lacan defendia a proposta de "rede de escolas". Sem hierarquia, nem diretórios, onde a convocação se daria somente por motivos científicos. J.A. Miller criou a instituição da AMP, e com ela todos os proble-

mas político-administrativos inerentes a uma instituição psicanalítica. Inevitavelmente, dois anos depois de fundada, explodiu o conflito político-administrativo. Agora, trata de resolver o problema de manter uma união ou coesão com todas as suas escolas, criando o que ele chama de "escola una". Uma espécie de organização sem hierarquias. Seu interesse em aproximar-se da IPA com intenções de filiação é incompreensível. Todos sabemos que o tipo de sessão curta (de 5 a 15 minutos) que eles praticam é inaceitável para os requisitos mínimos da IPA. Os tempos mudaram. As teorias de Lacan e de seus desenvolvimentos estruturais posteriores são, hoje em dia, muito mais aceitos pelos analistas filiados à IPA. E mais, existe um in-



Rómulo Lander

teresse em acessar a este ensino. Os candidatos que ingressam nos institutos da IPA estão bastante expostos e informados a respeito de todas estas teorias, pressionando seus professores a estudarem e a atualizarem.

**Jornal: Como está inserida hoje a teoria laciana na formação dos diferentes institutos?**

**Rómulo Lander:** O currículo de estudo mínimo, aprovado previamente pela IPA, depende de cada instituto. A IPA defende uma formação baseada na obra de Sigmund Freud. Os institutos complementam este ensino com outros autores. Segundo a região geográfica, vemos que estes autores complementares variam. Assim, encontramos o ensino de Melanie Klein, Bion, Kohut, Psicologia do Ego, autores franceses, etc. Só recentemente os currí-

culos de alguns institutos complementam, ao final dos seminários, leituras e estudo da obra de Lacan. Para isto é necessário que algum membro do instituto conheça a obra de Lacan, o que não é fácil de encontrar.

**Jornal: Qual a sua idéia do papel da IPA junto às sociedades?**

**Rómulo Lander:** A IPA é uma associação internacional de psicanalistas com mais de dez mil membros. Como toda instituição, tem seus aspectos positivos e negativos. Seu objetivo principal, com o qual estamos todos de acordo, cria um paradoxo. Este objetivo de defender e promover a psicanálise freudiana coloca a IPA em posição de salvaguarda. Portanto, em princípio, tem que resistir e desconfiar de todas as novas teorias. Somente o tempo provará a validade de qualquer proposta nova. Em consequência, a IPA que está a favor da psicanálise, já que é seu objetivo, é, por sua vez, a que mais cria obstáculos ao progresso das idéias. Mas, está claro que isso não pode ser de outra maneira. Em seu aspecto positivo, a IPA financia e apoia, com idéias e pessoas, as iniciativas que vão ajudar no progresso das sociedades já existentes. A IPA favorece e torna possível que exista um diálogo entre seus pares, os psicanalistas.

A IPA, tal como se fosse uma enorme rede de sociedades, em tão variadas regiões geográficas, mantém uma direcionalidade e coerência no movimento psicanalítico mundial. Favorece e apoia a criação de novas sociedades em países remotos. É claro que a IPA faz com que seja possível que possamos dialogar com colegas de lugares tão remotos.

É no diálogo com os pares que reside a esperança de manter, em movimento de progresso, os inúmeros membros pertencentes a todas as nossas sociedades. Esta função da IPA, estimulando os membros para não estancar, favorecendo a superação e melhoria profissional, constitui um labor que gera esperança para o futuro da psicanálise.

## Relatório das atividades do CEPSC

No segundo semestre de 2000, iniciou-se o Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica com duração de três anos e seminários quinzenais, totalizando 480 horas/aula e 50 horas de supervisão individual. Constituída de 15 alunos, a primeira turma do curso teve seminários coordenados pelos drs. Raul Hartke, Mauro Gus, Ruggero Levy e Paulo Henrique Favalli. A supervisão oficial ficou a cargo de: Ana Maria Michels, Ana Júlia Menuci, Beatriz Molinos, Fábio Lopes, Maria Helena Moraes, Néli Telles D'Ajello, membros efetivos do CEPSC.

Em março de 2001 foi realizada na sede da SPPA reunião das dras. Marlene Araújo, Ruth Maltz e Nara Caron, dr. Raul Hartke (coordenador das atividades do CEPSC junto à SPPA) com dr. Fabio Lopes (então presidente do CEPSC) e psic. Jaqueline Klökner. O objetivo foi tratar da criação e sistematização de Grupos de Observação da Relação

Mãe-Bebê, a serem realizados em Florianópolis como atividade oficial CEPSC/SPPA. O CEPSC programará para maio uma palestra sobre o Método Esther Bick, a ser apresentada pelo Departamento de Psicanálise de Crianças e Adolescentes em Florianópolis, marcando o início de mais esta atividade do Centro de Estudos.

Em abril de 2001, em Florianópolis, realizou-se a **III Jornada do Centro de Estudos Psicodinâmicos de Santa Catarina**, cujo tema central foi "A Relação Terapêutica em Psicoterapia de Orientação Analítica". Seguindo o molde dos anteriores, o evento foi organizado na forma de mesas redondas, nas quais psicoterapeutas do CEPSC apresentaram trabalhos próprios, debatidos pelos convidados especiais e coordenadores de seminários. A novidade neste ano constituiu-se de duas palestras abertas à comunidade: **Relação Terapêutica no Cinema**, ministrada pelo dr.

Paulo Fonseca (SPPA) e por um dos convidados especiais, e **Relacionamentos - problemas atuais**, apresentada pelos membros do CEPSC, drs. Fabio Lopes, Gladis Elaine Carnieletto e psic. Jaqueline Klökner. Contamos com a participação, como convidados especiais, dos drs. Antonio Carlos Pires, Raul Hartke, Romualdo Romanowski e Sérgio Lewcovicz, da SPPA, e dr. Elias Mallet da Rocha Barros, da SBPSP. Apresentaram trabalhos nas mesas redondas os colegas Mabel Franco Pinto, Eduardo Collares, Maria Helena Moraes, Beatriz Molinos; temas livres foram apresentados pelos colegas Fabio Lopes, Maria Helena Moraes e Ana Júlia Menuci.

No jantar de encerramento da Jornada, tomou posse a nova diretoria do CEPSC, assim constituída: Mabel Franco Pinto (presidente), Gladis Elaine Carnieletto (secretária) e Antonio Carlos de Mattos Roxo (tesoureiro).

### Vice-presidência da IPA

O jornal da SPPA recebeu da ABP a seguinte nota: 'O conselho de presidentes das sociedades e grupos de estudos psicanalíticos do Brasil, em reunião promovida pelo conselho diretor da ABP, apoia oficialmente e por unanimidade a candidatura do dr. Cláudio Laks Eizirik à vice-presidência da IPA. Este apoio par-

te de um longo e continuado reconhecimento de sua capacidade científica, técnica e integradora, que tem pautado e marcado sua trajetória psicanalítica ao longo dos diferentes cargos e funções que tem desempenhado em sua sociedade de origem, no âmbito nacional, na área latino-americana e atualmente por suas contribuições e posturas na esfera internacional.

### SPPA em Buenos Aires

O dr. Romualdo Romanowski esteve em Buenos Aires entre 19 a 22 de abril, participando da 8ª visita semestral do Sponsoring Committee da IPA para o grupo de estudos - Sociedad Argentina de Psicoanálisis. Juntamente com Garza-Guerrero Chair (México) e Infante (Chile) discutiu os detalhes administrativos finais, visando à apresentação do GeSAP - para ser reconhecido como Sociedade Provisória da IPA no Congresso de Nice.

Foram também apresentados

três trabalhos teóricos. Um, de autoria de Romualdo Romanowski, teve como comentaristas Benzion Winograd e Elsa Grazano; outro (de J. L. Donnet) foi discutido por Garza-Guerrero; o terceiro foi de autoria de Otto Kernberg sobre Educação Psicanalítica.

O dr. Infante apresentou material clínico que foi estudado com os candidatos.

As perspectivas de reconhecimento, em Nice, do grupo presidido pelo dr. Vicente Galli parecem ser as melhores e promissoras.

### Congresso da ABP

A Associação Brasileira de Psicanálise convida a participar do XVIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, a realizar-se entre os dias 5 e 8 de

setembro, no Hotel Meliá, em São Paulo, tendo como tema "O futuro da psicanálise: das construções teóricas às evidências terapêuticas."

### V Jornada Gaúcha de Psiquiatria

"Relação terapêutica na prática clínica" é o tema da V Jornada Gaúcha de Psiquiatria. Promovida pela Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, será realizada entre 28 e 30 de junho, no Centro de Eventos da AMRIGS. Com tema amplo e abrangente, o programa está organizado em cursos, conferências, mesas redondas e uma atividade para a comunidade.

A Jornada terá os seguintes convidados: Dra. Anne Alvarez, psicoterapeuta inglesa, co-coordenadora do Serviço de Autismo do Departamento da Criança e da Família da Tavistock Clinic, em Londres; Dr. Valentim Gentil Filho, psiquiatra da USP, doutor em Psiquiatria pela London University; Dr. John Livesley, psiquiatra da British Columbia University, do Canadá, que trabalha na área de transtornos de personalidade, principalmente sob a ótica da genética; Dr. Norberto Carlos Marucco, psicanalista, membro titular da APA; Dr. Bóris Birmaher, psiquiatra do Centro Médico da Universidade de Pittsburgh, que centra seus estudos na área de depressão e ansiedade em crianças e adolescentes, envolvendo o uso de psicofármacos nesses transtornos. Informações na Sala Hum Eventos.

Telefone: (51) 311.8809

## O brincar, a experimentação e a criatividade

Robert Caper

O brincar como forma de estabelecer contato e expressar a realidade interna é bem sabido. O autor nos propõe a tese de que brincar também é um modo essencial de estabelecer contato com a realidade externa e, mais ainda, é um modo de explorar a relação entre realidade interna e realidade externa. Isso porque, ao brincar, as crianças estão experimentando o mundo externo para conhecê-lo e, ao mesmo tempo, externalizando seu mundo interno de fantasias. Dessa mesma maneira lúdica o paciente nos utiliza na análise: "se eu fizer com que ele sinta o que sinto, o que ele fará?" Projetando e observando o efeito no outro, aprendemos sobre nós e sobre o outro.

Porém, para que isso aconteça, é necessária a discriminação entre as duas realidades - capacidade perdida nos psicóticos e comprometida nas vivências traumáticas. E é por aí que o autor começa esse artigo, trazendo o exemplo de Dick, menino psicótico de 4 anos, tratado por Klein, que era incapaz de brincar. Ilustra também com o caso de uma menina de 7 anos que entrou num estado psicótico. A perda dos limites das realidades interna e externa impede a formação de símbolos, matéria prima da mente para o brincar e todo tipo de experimentação criativa.

O autor escreve que um bom funcionamento da capacidade de investigar e experimentar promove uma concep-

ção interna de um casal de pais numa relação sexual satisfatória, não destrutiva e serve como modelo para nos relacionarmos desta forma com a mente do outro.

Resumindo: o brincar, uma vida sexual e um funcionamento intelectual saudáveis requerem capacidade de ligação projetiva e introjetiva experimental e lúdica com os objetos. Embora os exemplos aqui utilizados tenham sido com crianças, os fenômenos descritos são vivenciados por todos nós no dia-a-dia no atendimento de pacientes de todas as idades.

Resenhado pela  
dra. Alda D. de Oliveira  
Livro Anual de Psicanálise,  
Tomo XII - 1996

Jornal da  
**SPPA**

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

FILIADA À ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA  
INTERNACIONAL (IPA), DESDE 1963, E À ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Presidente: Paulo Fonseca  
Secretário: Gerson Isac Berlim  
Secretário Científico: Antonio Carlos J. Pires  
Tesoureiro: Raul Hartke  
Conselheiros: Carlos Gari Faria e Isaac Pechansky  
Diretor do Instituto: Luiz Carlos Mabilde  
Secretário do Instituto: Ruggero Levy

**Subcomissões do Instituto**

Subcomissão de Docência: Luiz Carlos Mabilde, Cláudio L. Eizirik, Paulo Fonseca, Romualdo Romanowski  
Subcomissão de Seleção, Avaliação e Promoção: Luiz Carlos Mabilde, Carlos Gari Faria, Germano Vollmer Filho, Gerson Isac Berlim, Juarez Guedes Cruz  
Subcomissão de Formação de Analistas de Crianças e Adolescentes: Luiz Carlos Mabilde, Marlene Silveira Araujo, Nara Amália Caron, Rute Stein Maltz  
Subcomissão de Pesquisa: Luiz Carlos Mabilde, Cláudio Laks Eizirik, David E. Zimmerman, Paulo Fernando Bittencourt Soares, Roberto Gomes  
Subcomissão de Programa: Luiz Carlos Mabilde, Mauro Gus, Roaldo Machado  
Subcomissão de Eventos e Divulgação: Luiz Carlos Mabilde,

Flávio Rotta Corrêa, Joel Araújo Nogueira, Raul Hartke, Ruggero Levy  
Centro de Triagem e Encaminhamento Psicanalítico: Sérgio Lewkowicz

**Programa do CEPSC**

Coordenador: Raul Hartke  
Revista de Psicanálise  
Editor: José Carlos Calich  
Co-Editor: Jussara S. Dal Zot  
Comissão de Redação: Anette Blaya Luz, Carmem Emília Keidann, César Luis de Souza Brito, Luisa Maria R. Amaral, Magali Fischer, Patrícia Lago, Paulo Henrique Favalli, Paulo Oscar Teitelbaum, Paulo Seganfredo, Viviane Sprinz Mondrzak

**Comissão Científica**

Coordenador: Antonio Carlos J. Pires  
Edgar Diefenthaler Jacó Zaslavski, Jair Rodrigues Escobar, Lúcia Thaler, Luiz Ernesto Pellanda, Manuel Pires dos Santos, Sérgio Lewkowicz

**Comissão Editorial do Jornal**

Coordenador: Gisha Brodacz  
Aldo Duarte, Alice B. Lewkowicz, David Bergmann, Mery P. Wolff, Rose Eliane Starosta

**Comissão de Memória**

Coordenador: Ruyard Emerson Sordi  
Ingeborg Magda Bornholdt, Inúbia Duarte, Karem Cainelli, Luís Guilherme Streb, Raquel Eizirik, Margareth Dallagnol, Margareth Silveira Campos  
**Comissão de Psicanálise e Sociedade**  
Coordenador: Ida Gus  
Beatriz Chwartzmann, Edgar Chagas Diefenthaler, Fulgêncio Blaya Perez Neto, Gustavo A. da P. Soares, Lúcia Thaler, Mazlôwa Maris Heck, Rosane Schermann Poziomczyk, Suzana Fortes e Tula Bisol Brum

**Comissão de Biblioteca**

Coordenador: Roberto Gomes  
Alda Dornelles de Oliveira, Angela Plass,

Margareth Dallagnol, Mônica Nodari Borges, Vivian Perez Day

**Comissão de Informatização**

Coordenador: Sérgio de Paula Ramos  
Ivan Fetter, Luiz Ernesto Pellanda e Mônica N. Borges

**Editoria da Homepage**

Editor: Ivan Fetter

**Comissão de Psicanálise da Infância e Adolescência:**

Coordenadora: Marlene Silveira Araujo  
Ingeborg M. Bornholdt, Margareth Silveira Campos, Maria Geraldina Viçosa, Maria Lucrécia Zavaschi, Mery P. Wolff.

**Secretaria Executiva da SPPA:** Maria Conceição Sampaio  
**Secretaria Executiva do Instituto:** Neila T. Barcelos Manassero

**Secretaria Executiva da Revista:** Irma Angela Manassero

**Auxiliar de Secretaria:** Elisa Ema Werdan

**Técnico Contador:** Jorge Luiz Salati

**Bibliotecária:** Mônica Nodari Borges

**Auxiliar de Biblioteca:** Margareth Lourdes Dallagnol

**Auxiliar de Serviços Gerais:** Giovana Paixão

Comissão Editorial: Gisha Brodacz (Coordenadora), Aldo Duarte, Alice Lewkowicz, David Bergmann, Mery Wolff, Rose Eliane Starosta  
Secretária: Margareth L. Dallagnol  
Planejamento e Execução Gráfica: Dolika Afa Artes Gráficas Ltda.  
Fone (51) 343.5533  
Jornalista: Lola Rodrigues Mtb6631  
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre  
Rua Gen. Andrade Neves, 14 conj. 802  
CEP: 90010-210 Porto Alegre - RS - Brasil  
Telefones: FAX: (51) 224-3340 (51) 224-7021  
E-mail: sppa@sppa.org.br  
sppa@zaz.com.br

## Interfaces

# 'O vórtice mágico': uma aproximação entre a psicanálise e a literatura

Juarez Guedes Cruz

**E**ditado em 1980, 'A dama do saladeiro' é um apanhado de contos, crônicas e histórias de autoria de Cyro Martins. Utilizarei um dos relatos que fazem parte desse livro como ilustração de algumas das relações entre psicanálise e literatura. Interessa-me, particularmente, examinar a experiência estética como fonte tanto da criatividade literária quanto da 'intuição psicanalítica', no sentido bioniano do termo.

O relato ao qual me refiro intitula-se 'O vórtice mágico' e, no mesmo, Cyro conta um episódio ocorrido no final de 1936 quando, formado médico, voltara há dois anos para Quaraí, sua cidade natal. Assim descreve a situação: é dia de domingo e, depois de uma semana de trabalho clínico, está em casa e pretende descansar. A monotonia é 'atroz', as ruas estão praticamente desertas e, da janela, o jovem médico, então com 28 anos, observa '...o vulto gasto de um conhecido idoso' sumir na esquina. Sente-se mal ao contemplar a rua '...vazia, enigmática como uma reticência'. A luz da tarde é intensa e Cyro cerra a cortina. Liga o rádio tentando distrair-se, mas as notícias não são nada boas: dão conta, na Europa, de um nazismo crescente. Troca de estação e o locutor está anunciando um concerto de música espanhola. Cyro decide ouvir o tal concerto radiofônico, pressentindo nisso a chance de '...dar uma escapada da vida besta'. Tenta concentrar-se na música mas, inicialmente, sente-se incapaz de aproveitá-la e chega a esboçar um gesto de trocar de estação. Logo desiste porque, a partir de um determinado instante, foi tomado por uma estranha vivência: '...me pareceu sentir flutuar em torno, mas logo vi que não era em torno, era dentro de mim uns frêmitos de sentimentos esquisitos'. A partir de tal sensação, deixa-se envolver pela música: '...meio adormecido, fui arrebatado para um mundo conturbado de tragédia e paixão dos espanhóis. Pairava num universo de turbilhões, onde as perspectivas não se ajustavam às medidas comuns. Diluíra-se, no encantamento súbito, a minha noção do cotidiano'. Nesse momento, brota em sua mente a emoção que intitula a crônica. Nas palavras de Cyro: 'O vórtice mágico bateu-me à porta da tranquilidade

estagnada, desencadeando uma subversão na minha vida. O conteúdo vulcânico da Danza Ritual del Fuego despertou em mim ... anseios tumultuosos e obscuros'. Terminada a música, desligou o rádio, mas a esta altura, descreve ele, '...o encantamento se prolongava cada vez mais para as profundidades do meu ser (...) Levantei da cadeira. Não havia testemunha para presenciar o gesto ufano que fiz, como se proclamasse: o sonho existe!'. A partir desse acontecimento, propõe-se a não continuar sua vida em 'compasso de espera' e atender aos '...apelos do abismo interior, de onde emergiam olhos curiosos pregados no futuro!'. Pensa na possibilidade de que nas ruas da cidadezinha em repouso poderia surgir um transeunte temerário a perturbar o sossego. E conclui: '...bem poderia ser eu esse andante, exausto de ficar debruçado no parapeito da vida, por fim definitivamente decidido a viver o risco emocional de partir!'

Escrita há mais de vinte anos, esta crônica, perene por sua beleza e profundidade envolventes, ajuda-nos a compreender o que os artistas de maneira geral, e os escritores em particular, podem ensinar aos psicanalistas. Por isso escolhi o relato de Cyro para ilustrar aqueles momentos poéticos felizes nos quais, segundo Ezra Pound, '...algo exterior e objetivo se transforma ou se arremessa para algo interior e subjetivo'. O próprio Cyro, em 'A criação artística e a psicanálise', ao referir-se a tais momentos, descreve uma 'supressão mais ou menos brusca de limites entre a fantasia e a realidade', onde 'uma torrente de ideias e imagens atropelam as portas da consciência procurando exprimir-se em palavras ou sons ou cores ou em figuras'. Cyro está falando daqueles momentos criativos, instantes de dramática suspensão do raciocínio lógico e de estabelecimento de um contato privilegiado com as profundezas do psiquismo. Meltzer, referindo-se a experiências semelhantes, descreve nossa reação de assombro, admiração e perturbação durante essas fugazes oportunidades de contato intuitivo e imediato com a beleza e com a verdade. Eis aqui a relação que destaco entre

psicanálise e literatura: a fluidez de concentração que vai permitir, a artistas e psicanalistas, captar as essências, as invariâncias que subjazem às múltiplas experiências que temos na vida. Aquilo que há de comum entre o estado mental do artista, em sua função de 'antena da raça' (Ezra Pound), e a situação emocional do analista quando, em uma sessão, consegue atingir o que Freud designa 'atenção uniformemente suspensa'. Ao utilizar este exemplo proveniente da literatura, pretendo destacar a importância de uma mentalidade e de um olhar estéticos, como pré-requisitos para a criação da obra de arte e para uma compreensão profunda do psiquismo. Um fato que poderia ser corriqueiro (a música ouvida em uma tarde modorrenta de domingo) passa a adquirir uma grandeza transformadora de vida. Isto confirma a opinião de que o estético não está em um objeto particular, mas no estado mental e no olhar do sujeito que olha o objeto. Assim, qualquer coisa ou ser ou acontecimento tem, intrinsecamente, perspectivas estéticas; mas é necessária uma determinada postura mental para percebê-las. Neste sentido, uma outra aproximação entre a atividade psicanalítica e a criação literária, exemplificada na crônica de Cyro, é o fato de que, tanto numa quanto na outra, a atenção não é algo que ativamente vai ao encontro do estímulo no mundo externo. Ela é passiva, pronta para ser convocada pela experiência afetiva despertada pelos estímulos. O estudo da obra de Bion e de Meltzer nos ajuda a considerar essa função mental muito mais 'descansada' e a valorizar as palavras de Freud quando descreve o tipo de atenção adequado à prática da psicanálise. O texto de Cyro destaca a importância de podermos nos libertar daquilo que é simplesmente mais prático, lógico e adaptativo, deixando-nos surpreender pela vivência emocional, livres de memórias e desejos. Em tais ocasiões, consegue-se um grau de permeabilidade entre mundo externo e mundo interno que permite quebrar as barreiras do pensamento lógico. Assim, a mente do analista é capturada, sem a preocupação apriorística de estar lidando com algo louco ou sadio, real ou imaginário, adulto ou infantil, civilizado ou primitivo.